

O PATRIMÓNIO INCORPÓREO OU AS MARCAS DO ESPÍRITO NA CULTURA

Viriato Soromenho-Marques

RESUMO: Neste breve ensaio pretende-se analisar alguns dos diferentes sentidos do conceito de património incorpóreo, entendido como meta-património, no interior de uma teoria mais geral do património, e no enquadramento permitido pelos conceitos de risco, erosão e aceleração históricas, associados intimamente à crise contemporânea do actual modelo de civilização.

1. Duas teses fundamentais

À primeira vista, o estatuto de "património incorpóreo" parece menos consistente do que outros tipos de património mais consagrados, até pela visibilidade corpórea destes últimos: património histórico, arqueológico, construído, natural, por exemplo. A tendência para valorizar aquele património que pode ser visado ou confirmado no campo das intuições sensíveis está bem presente na própria designação da grande organização internacional do património: ICOMOS (*International Council on Monuments and Sites*).

A própria designação de "património incorpóreo" é melhor do que "imaterial", mas talvez não tão precisa como a expressão inglesa de *intangible heritage*. Em qualquer dos casos, importa evitar um reducionismo de natureza fisicista ou biologista. Devemos evitar, hoje, a repetição do antigo debate que atravessou os séculos XVII e XVIII em torno da natureza da matéria, aquando da recepção da teoria newtoniana do Universo. Nessa altura, os cartesianos recusavam a teoria da força gravitacional por a considerarem "milagrosa", já que para eles a categoria de força material teria de ser sempre caracterizada pela transmissão directa através do contacto físico. Não podemos cometer o mesmo erro no que concerne ao património. Na verdade, há outros tipos de património para além daqueles que se podem ver e tocar.

Mas o que poderá definir a essência do património incorpóreo? A definição da UNESCO dá pistas que nos permitem um encaminhamento na direcção que pretendemos imprimir a esta brevíssima reflexão. Com efeito, nessa definição é posto um acento tónico na linguagem, seja enquanto património, seja como veículo de transmissão oral de tradições, criações e costumes.

Esta vinculação especial entre linguagem e património incorpóreo ou intangível ajuda-nos a formular, preliminarmente, as duas teses que iremos desenvolver de seguida:

- O património incorpóreo desempenha o papel do que poderíamos designar como meta-património, pois é a base fundamental para a inteligibilidade de todos os outros tipos de património que importa defender.
- O património incorpóreo contribui para o esclarecimento das encruzilhadas críticas da humanidade contemporânea, na medida em que lança luz sobre a condição humana, e sobre alguns caminhos possíveis para a sua redenção.

2. O património incorpóreo enquanto meta-património, como base genética e hermenéutica dos outros tipos de património

O que é que procuramos numa estação arqueológica? Ou numa magnífica paisagem de um parque natural? Procuramos um sentido (ou vários), algo que é traduzível apenas num discurso, algo que nos chega, nos atinge e emociona apenas através da linguagem. Tomemos por exemplo esta famosa pintura de Turner, alusiva ao transporte para desmantelamento de uma das famosas fragatas de guerra comandadas pelo almirante Nelson, em 1805, no decurso da mítica batalha de Trafalgar.



J.M.W. Turner "The Fighting Temeraire tugged to her last Berth to be broken up", (1838)

O que aqui vislumbramos está muito para além da mera descrição do que é visível. A recuperação dos sentidos deste quadro implica um complexo exercício de linguagem capaz de manifestar aquilo que a pintura revela e oculta simultaneamente. Turner não tinha quaisquer pretensões a repórter. Aquela cena não deve, sequer, ter sido contemplada pelo autor. Ela foi totalmente imaginada, procurando produzir no espectador uma emoção, mesmo que para atingir esse efeito, a "realidade" tivesse de ser distorcida. Com efeito, o rebocador a vapor, um pioneiro da Revolução Industrial nesse longínquo ano de 1838, sulca o Tamisa com um antigo e nobre veleiro de combate, despido de velas, mas com a sua dignidade intacta. Na realidade, contudo, o rebocador teria transportado um navio já mutilado e incompleto, pois a prática habitual consistia em cortar, desde logo, o complexo de mastros, que o quadro deliberadamente conserva.

Facilmente compreendemos que o sentido da pintura de Turner só habita na linguagem, e não nas realidades empíricas que aparentemente retratava. O que ali está não é um navio que vai ser abatido, mas uma reflexão sobre uma idade que acaba e outra que começa. Uma reflexão onde o pintor toma declaradamente partido. A multimilenar idade do músculo, da coragem física, das forças de uma natureza quase isenta de artificialismo aparecem ligados à figura majestosa do *Fighting Temeraire*. Em contrapartida, os tempos do fumo, da poluição, da riqueza de artefactos, e do zunido interminável dos motores cola-se à figura sombria, atarracada e antipática do rebocador. Facilmente percebemos,

também, que para Turner, o sol ali pintado não está a nascer, mas sim a declinar...

Oswald Spengler na sua teoria das culturas universais, entendidas como grandes organismos colectivos condenados ao desabrochar e ao perecimento, fala-nos de uma "alma" – *Seele* – de cada cultura que permanecerá incomunicável, para além de todos os testemunhos materiais. O mesmo poderá ser válido para as personalidades históricas. O que é que sobrevive dos "grandes homens"? Onde está o fascínio, por exemplo, de Alexandre o Grande, senão nas palavras do historiador Arriano, quando, por exemplo, nos conta como o jovem rei, à frente de um exército sedento, recusou um capacete cheio de água dizendo: "Serei eu o único a poder mitigar a sede?" "Era – disse Arriano – como se cada homem pudesse ter bebido a água que o rei deitara fora".

Como poderemos interpretar hodiernamente essa ideia spengleriana de alma, de *Seele*? Julgo que, para usar uma analogia ultramoderna, poderemos lê-la à luz de uma relação do tipo *software / hardware*. A alma seria um conjunto complexo de programas e instruções operacionais que regulam o modo como uma dada comunidade ou sociedade se situa activamente no mundo, como o constrói e o transforma. No fundo é um património incorpóreo, que se deixa representar na e pela linguagem, que detém a chave para a construção dos outros tipos de património.

É a alma de várias culturas que encontramos, por exemplo, no Brasil. Portuguesa em Salvador da Baía, alemã ou italiana em muitas outras localidades desse grande país. Foi a alma dos grandes derrotados na II Guerra Mundial, que explica a sua rápida reconstrução a partir de um mar de ruínas. Para Weber, por outro lado, não poderíamos compreender a emergência da riqueza capitalista sem a "alma" da ética protestante. Mesmo as paisagens que hoje são protegidas em parques e reservas e ainda mais em jardins reflectem esse *software* das culturas e do laborar dos povos (incluindo a *Wilderness* do Yosemite, que tinha a marca das queimadas sazonais dos índios *Ahwahneechee*).

Dessa forma, se queremos compreender a relação que existe entre os diferentes tipos de património (histórico e natural, por exemplo) e o património incorpóreo talvez possamos recorrer a duas categorias da ontologia, desde Averno a Spinoza, passando por Alberto Magno, Tomás de Aquino entre outros, refiro-me à diferença entre *natura naturata* (que na nossa analogia corresponderia ao património em geral) e *natura naturans* (correspondendo, portanto, ao património incorpóreo). O património em geral assume-se como o património constituído, enquanto que o património incorpóreo é o património constituinte.

3. Em que medida contribui o património incorpóreo para o esclarecimento das encruzilhadas críticas da humanidade contemporânea?

Recordemos que o «património incorpóreo» tem sobretudo uma relação essencial com a linguagem. Nesse aspecto devemos salientar que o século XX assistiu a uma verdadeira viragem linguística em todos

os domínios do conhecimento. Vejamos alguns exemplos:

a) A psicanálise seria impossível sem a interpretação dos sonhos (*Traumdeutung*). Ora Freud vai conceber o psiquismo, em todas as suas manifestações e topologias, como uma verdadeira máquina semântica de produção de sentidos, recuperáveis no horizonte da linguagem.

b) A linguagem vai ocupar também o centro das atenções nas diferentes correntes e tendências filosóficas: de Wittgenstein a Paul Ricoeur, passando por Heidegger ou Rorty, a importância da linguagem manifesta-se na filosofia analítica, na hermenêutica, na filosofia política (razão comunicativa), no despertar da retórica, entre outras correntes especulativas.

c) Na informática e cibernética, na inteligência artificial o nó górdio passa sempre pela linguagem.

d) Na biologia, nas biotecnologias, os entes são criados e recriados como textos: "o código genético" pode ser traduzido como um alfabeto, sujeito a múltiplas recombinações, com consequências semânticas muito diversas.

Mas a linguagem não é tudo. A linguagem é de certo modo um modelo abstracto. As linguagens têm também um ecossistema, um *habitat*, que é o das narrativas. Nas narrativas, e sobretudo nas meta-narrativas (o marxismo, o progresso, o liberalismo, o fundamentalismo islâmico, só para falarmos das mais sonoras) as linguagens produzem sentido social e mobilizam as pessoas para a acção concreta.

Na sua famosa obra, *La Condition Postmoderne* (1979), Jean-François Lyotard considerava que a nossa época poderia ser rebaptizada em função, precisamente, da decadência das meta-narrativas até então preponderantes. Desta feita, a pós-modernidade poderia ser definida como "a incredulidade em relação às meta-narrativas" (*l'incrédulité à l'égard des métarécits*). Essa crise das grandes narrativas provocava como que um efeito de derramamento na medida em que colocava em causa a própria legitimidade dos discursos científicos, que implicam sempre contextos semânticos mais vastos do que os da ciência em sentido mais estrito.

Antes de Lyotard, já Hannah Arendt, citando a famosa escritora dinamarquesa Karen-Blixen, integrava na condição humana como que um *modo narrativo*, pois como seres humanos somos capazes de superar todas as provas, incluindo o sacrifício da própria vida, se nos sentirmos protagonistas de uma boa história.

O património incorpóreo ajuda-nos a perceber a dimensão fundamental da linguagem, não apenas enquanto veículo de transmissão e produção de representações, mas como património ela própria, como monumento intangível. A projecção do provável desaparecimento, no decurso do próximo meio século, de mais de metade das 6000 línguas actualmente existentes em todo o planeta, sugere imperiosamente uma frente de intervenção que não pode ser descurada. Mas as línguas protegem-se apenas com e naqueles que as falam e as linguagens sobrevivem apenas se forem exercitadas. Nessa medida, a União Europeia poderá ser uma das mais activas zonas de defesa do património incorpóreo nos próximos anos. Bastaria para tanto que a política das três línguas,

sugerida por Amin Maalouf, fosse adoptada: cada cidadão europeu deveria ser competente em pelo menos três línguas: a *língua materna*, a *língua franca* (inglês) e a *língua do coração* (de acordo com a mais livre das escolhas individuais).

Para concluir, diria ainda que o património incorpóreo indica-nos o caminho de uma tarefa não só libertadora, como, sobretudo, redentora: a tarefa de construir uma meta-narrativa que seja hospitaleira e mobilizadora para o género humano. Nessa medida, poderemos designar o património incorpóreo pela nota distintiva de ser o único que não só queremos preservar no futuro, mas aquele que nos aponta o futuro como um mundo a construir em conjunto. De forma sempre incompleta, mas com uma entrega permanente.

